

# Triunfo do capitalismo e teoria da exploração

**Pablo González Casanova**

Sociólogo mexicano, professor da Universidade Autônoma do México.

*A forma clássica da teoria da exploração estabelecia uma dialética feroz – a do amo e escravo – em que o trabalhador só recebia o necessário para sobreviver e produzir.*

É surpreendente observar como a relação social de exploração é essencial para compreender a evolução da sociedade moderna. Para a sua análise, é necessário levar em conta três tipos de leis – causais, fatorias e de informação – e os seus comportamentos dentro de um sistema aberto e complexo.

## Lei Causal

A forma clássica da teoria da exploração estabelecia uma dialética feroz – a do amo e escravo – em que o trabalhador só recebia o necessário para sobreviver e produzir. Ela se parecia com a do servo que dedicava apenas parte do tempo para trabalhar para si e o resto para o senhor. E ela se destacava porque não só se podia medir em tempo, mas, também em dinheiro. Quem quer que analisasse com minuciosidade depararia nela uma outra diferença: a tecnologia de um Shylock, produtor e comerciante, que havia começado a usar a ciência para produzir e acumular. Ou, a de uma nova religião, mais que protestante, feita de hipóteses e de Newton. Para o ingênuo, o significado da fórmula era que ela expressava uma relação social em que o amo, o senhor ou o burguês, permanecia com o que o trabalhador produzia. Enquanto aquele existisse, ele se beneficiaria do que este produzisse, como escravo, servo ou assalariado. No seu uso político, radical e simplório assim o interpretou, ou assim se dizia da relação, ainda sem referência à fórmula. A conclusão era clara: como nem o amo, nem o senhor, nem o burguês eram produtores, de fato, eles só eram exploradores. Para libertar-se deles, o único que cabia, era romper a relação de exploração.

Marx encontrou na razão matemática a fórmula para expressar essa relação. Com ela, também, procurou medir a taxa de explora-

ção. Porém, ainda sem medi-la, a expressão matemática da relação de exploração expressa a causa da pobreza de um dos termos e da riqueza de outro. No entanto, o excedente, o valor líquido produzido é aproveitado pelo proprietário, ainda que o trabalhador só receba o indispensável para viver e reproduzir. E mais, a relação pode medir que tanto se explora um termo como o outro; cálculo tão importante como o que faz o proprietário das utilidades, que recebe, ao qual o próprio Marx dedicou muitos esforços. Numerosos são aqueles que, depois dele, têm se proposto a esclarecê-lo, reconhecido como o “problema da transformação”<sup>(1)</sup>. Aqui, interessa-nos considerar só até que ponto a relação de exploração é uma lei causal, no sentido de que o efeito pobreza não se explica sem a existência desta relação. Para tal fim, parece necessário dar um segundo passo, que consiste em acrescentar as determinações fatorias da exploração.

## Leis Fatorias

Originalmente, os fatores que determinam a exploração são: tempo, intensidade do trabalho e remuneração do trabalhador. Esses fatores se enriqueceram, na Idade Moderna, com outros menos comuns, como a tecnologia científica; a melhor organização das empresas e a transferência dos excedentes em inéditos comportamentos de racionalidade ou funcionalidade, muito maiores do que outros, de quaisquer outros sistemas anteriores ao capitalismo. Foram destacadas as prováveis ou esperadas consequências das relações funcionais e delas se aproveitou o que se poderia chamar de *variáveis contextuais* – como as de Londres

Traduzido por Edsel O. Brito.

1- Veja-se, p. exemplo, Morishima e Cateplore, 1990, cap. II.

ou Dublin ou de *variáveis antecedentes* – como as de Bacon e a “Decadência Espanhola” – ou de *variáveis intervenientes*, como a própria tecnologia científica e as transferências de um novo colonialismo para o “livre comércio”, que havia contribuído “necessariamente”, como havia sustentado Adam Smith, de maneira produtiva, para aumentar a taxa de utilidades”<sup>(2)</sup>. De tão vasta revolução, única na história da humanidade, surgiu o descobrimento de dois tipos de leis; em que primeiro se destacaram as leis da probabilidade e, pouco depois, as chamadas leis de informação, que se juntariam num conhecimento a mais, então incipiente, de utilização de organizações e de estruturas funcionais, ou de organização das mesmas.

A leitura política dos fatores da empresa capitalista, pelos revolucionários, passaria a dar um peso exclusivo à exploração de classes a escolher, entre os fatores, o da exploração das colônias, sem que deixassem de existir aqueles que incluísem, também, a dos camponeses. Muitos revolucionários menosprezaram, desde então, o enorme peso da tecnologia científica e da racionalidade científico-hipotética emergente, que se combinavam com a grande cultura do poder, expressa por Hobbes e pelo próprio Adam Smith. Como o peso de cada fator sempre resultou duvidoso quanto à sua exatidão e rigor, os apologistas do sistema, por sua parte atribuíram maior importância – sobretudo como publicistas – à tecnologia, à organização, à moral puritana e à ciência inglesa, ou a algumas das suas variantes, no continente e nos Estados Unidos da América ou, anos mais tarde no Japão.

Á sub-estimação da tecnologia-ciência, no incremento do excedente e no novo desenvolvimento histórico; a leitura política acrescentou, com frequência, o menosprezo da nova organização empresarial e do uso de engenheiros e de outros técnicos. Não advertiu, porém, que o novo proprietário dos meios de produção trocava estruturalmente, no nível macro, os termos da relação com os seus trabalhadores e contribuía, assim, para

---

*Nunca, na história anterior, a tecnologia, a organização e a “racionalidade instrumental” haviam contribuído tanto e para tantos, na ampliação do excedente.*

---

a criação de excedente, como um protagonista diferente do escravista ateniense, do cidadão romano ou do barão normando, ainda que alguns destes e os seus respectivos sucessores também houvessem contribuído para a mudança na ordem das idéias abstratas que, desde Roma e Atenas forjaram as bases da futura racionalidade instrumental ou, melhor dizendo: “ocidental”.

Nunca, na história anterior, a tecnologia, a organização e a “racionalidade instrumental” haviam contribuído tanto e para tantos, na ampliação do excedente. Explicar o novo desenvolvimento dos países industrializados só pela criação de valor dos trabalhadores manuais e sua exploração, ou pela exploração dos países e trabalhadores coloniais, resultava a melhor forma de não entender o que estava se passando e nem o que ainda iria se passar. A incompreensão do processo histórico se acentuaria com a “negação do outro”, como parte de uma dialética complexa, estruturada e organizada com possibilidades de transformar, por sua vez, o sistema social. Uma definição “essencialista” do capitalismo levou a não perceber as mudanças prováveis e teológico-práticas, pelas quais a classe dominante redefiniria muitas das estruturas e processos.

O problema não foi só de erros e de acertos. Foi de lutas e de condições de lutas. Os revolucionários não tinham a menor possibilidade de impedir a “reestruturação” da dialética original nem de propor batalhas com absoluta certeza de ganhá-las. A reestruturação do sistema, natural ou induzida, o de-

bilitou em espaços e tempos. Alterou o espaço e o tempo históricos que eles esperavam, seriam mais ou menos lineares e com crises periódicas crescentes. Os que pretenderam ir à raiz do problema e destruir a relação *p/v* não o conseguiram. Essa relação não só se manteve firme, como se reestruturou e retornou mais complexa. Assim ocorreu em sucessivos embates e nos períodos críticos para o sistema: *p/v* conseguiu consolidar-se e estender-se até dominar o conjunto do sistema e seu entorno. Para este propósito o manejo e o conhecimento das leis fatoriais e probabilidade foi fundamental. O fato é que, de uma dialética de relações subdeterminadas de exploração passou-se para outra, em que a dialética da razão pareceu desvanecer-se para ser substituída pela dialética dos fatores de produção. Jean Piaget, num mundo epistemológico distante e distinto, expressou a lógica da “dialética soma zero”<sup>(3)</sup> que, há poucos anos, aplicou, nos Estados Unidos, Lester C. Thurow, no seu livro “The Zero Sum Society-Distribution and Possibilities of Economic Change”<sup>(4)</sup>. A mudança de dialética no neo-capitalismo foi visceral para muitos trabalhadores: de perceber as relações sociais de exploração, grande quantidade deles passou a reparar, sobretudo, na repartição da coisa, do produto. E esta dialética ainda se aperfeiçoou com as de identificação e mobilidade social, que acentuaram as infinitas diferenças de status e as combinaram, em algumas regiões, com as que vinham de tempos atrás de etnias e seitas.

#### Leis de Informação e Sistemas Complexos

A construção – concepção dos processos históricos alternativos, dentro do capitalismo e para o seu fortalecimento, teve início com o

2- Citado por K.R. Popper, vol.II, 1962, p. 187.

3- A dialética de Piaget foi muito mais que isto. Incluiu a construção de uma nova totalidade pelos sistemas que a integram. De fato, é uma das precursoras do que temos chamado de a dialética complexa, que ele aplicou sobre todo o estudo da psicologia e da epistemologia. Para a dialética “soma zero” ver, sobretudo, o capítulo II. Jean Piaget, 1980.

4- Lester C. Thurow, 1980.

manejo dessa nova dialética que se entende melhor quando à análise de fatores e leis de probabilidade se acrescentam a análise da criação de estruturas, organizações e sistemas, bem como a das leis teológicas ou de informação. A combinação de ações e de conhecimentos levou do manejo das estruturas independentes, intervenientes e contextuais, com suas leis de associação e tendência, à organização de textos e contextos. Assim, apareceram novas dialéticas e contradições, novos desequilíbrios, injustiças e lutas, que geraram o triunfo do capitalismo até hoje.

As reestruturações da sociedade se aceleraram nos fins do século XIX, se fortaleceram entre a terceira e quarta década do século XX; antes do segundo pós-guerra e desde a década dos 80, deste século. De uma política de reestruturação de fábricas, instituições, empresas e dos ritmos de trabalho; passou também a uma política de reestruturação de macro-estruturas e de macro-organizadores e, destas, para outras de sub-sistemas, sistemas e contextos, até a reestruturação do sistema, no seu conjunto do macrossistema. Esta história, mais do que secular, resultou no sistema global, hoje dominante, produto do feixe de tendências naturais e de "construções dirigidas para metas."

Da dialética das macro-estruturas e da regularização de tendências como nas políticas anticíclicas – passou-se à dialética de mega-estruturação de sistemas dentro do sistema capitalista e de reestruturação do que se considerou o contexto do mesmo, do que se poderia chamar, cabalmente, de uma dialética complexa. Esta última se baseia em parte, na modelagem funcional de sistemas complexos, tema sobre o qual existe uma vasta literatura.<sup>(5)</sup>

A linearidade da história oposta permaneceu submissa. Não só foi alterada tanto pelas variáveis intervenientes ou selecionado aqueles subconjuntos de um universo heterogêneo, em que predominam as variáveis contextuais favoráveis. Também foram alteradas as variáveis contextuais, isto é, a base ou o cenário das ações – por

---

*As reestruturações da sociedade se aceleraram nos fins do século XIX, se fortaleceram entre a terceira e quarta década do século XX; antes do segundo pós-guerra e desde a década dos 80, deste século.*

---

exemplo, separou-se a água do breu – e foram organizados os subconjuntos "contextuais" ou do "sistema" de acordo com os objetivos, cuja possibilidade de sucesso aumenta à medida em que diminua o inesperado, mediante informação e o uso de técnicas adequadas para obter a informação e para transmiti-la.

Os engenheiros com informação e os maquiavélicos com computadores aprenderam a respeitar as tendências do sistema e a utilizar as mais adequadas. Construíram sistemas com subsistemas relativamente autônomos e distribuíram as razões e proporções da exploração e a "coisa", de formas ótimas para a rentabilidade e para a segurança do respectivo subsistema do conjunto de subsistemas dominantes, hoje chamado de "globalidade".

O processo se deu em termos de micro e de macro decisões. Em sua construção atuaram as tendências naturais. Porém, também foram criadas estruturas especiais "internas", "internacionais" e "transnacionais"<sup>(6)</sup>. Muitas destas, deliberadamente funcionais, como consenso ou como conflito, como pode ser estudado nos modelos de consenso e nos "cenários" da guerra. O estudo não se restringiu a estudos "sistêmicos" ou de analogia matemática. Também recorreu à grande cultura conservadora que, de Burke a Raymon Aaron, conta com grandes mestres.

A partir de 1968, os artífices do assalto à terra se prepararam com seriedade e tempo: hoje são conhecidos como neo-conservadores ain-

da que, em muitas ocasiões, preferiam ser chamados de neo-liberais<sup>(7)</sup>.

Durante longo tempo do capitalismo, as forças triunfantes aperfeiçoaram as suas mediações. E o fizeram a partir do mercado como poder, na época clássica, até a estratificação e mobilidade social no "estado benfeitor". Foram mais além. Hoje, com o "estado neo-liberal" e a sua rede global de dominação, substituem as mediações mais custosas pelas inversões focalizadas, com as da sociedade informal e os seus "burgueses em farrapos", com medidas que diminuem o gasto público e social sem que ocorram resistências temíveis (o que, a curto prazo, parece se confirmar). Além do que, combinam as mediações e as manipulações da alienação, a coisificação e a cultura de massas com outras de fragmentação ideológica ou cultural, antiga, moderna e pós-moderna – de grupelhos variados que se enfrentam entre si em micro-nacionalismos auto-destrutivos, em "seitas e etnias", "pobres" que roubem "pobres", sem nomes, em estado de desnutrição extrema. As forças triunfantes não planejaram, como artífices, a criação destes fenômenos. Muitos correspondem a efeitos não desejados. Inclusive há quem procure resolver alguns dos mais graves. Porém, também há quem os utiliza racionalmente, com técnicas clássicas de dominação, enquanto aumentam de forma deliberada as transferências dos países periféricos para os centrais e dos trabalhadores assalariados de cada país, para aqueles que vivem de "interesses" e de "utilidades". No triunfo, os melhores têm recuperado parte da riqueza e propriedades de que as políticas "neo-keynesianas" os haviam privado – populistas e comunistas. Aqui, destaquemos o triunfo daqueles que ganharam e não a derrota daqueles que perderam. As suas contradições são imensas. Dentre todos,

5- Para uma primeira formalização da exploração num sistema complexo, ver González Casanova, 1969, p.p. 83-162.

6- Ver Jean Piaget e R. Garcia, para o conceito geral do "intra", "inter" "trans", p.p. 250-252.

7- Rosenthal, Sidney, 1986.

como atores ou "classes", redefiniram a dialética do mundo.

No começo dos anos noventa, o triunfo mundial do capitalismo, como um sistema aberto, é um feito indiscutível, no sentido mais rigoroso da expressão. Os grandes políticos do sistema triunfante, seus técnicos e engenheiros, estão conscientes deste triunfo. Também, do caráter aberto do sistema, da sensata complexidade do sistema e dos efeitos daninhos com que ele afeta todo o seu entorno, o qual muitos consideram exteriorizações inevitáveis. Qualquer sistema aberto se nutre de energia e matéria e expele os seus dejetos num contexto ou num entorno que, no caso do sistema capitalista, dominante e global, é tão necessário para a sua sobrevivência, como as estruturas complexas e inteligentes que o integram, capazes de se auto-estruturar. Os apologistas do capitalismo triunfante se ocultam e ocultam as desventuras que decorrem do seu êxito. Na sua conceituação, expressão e propostas sustentam que o capitalismo se reduz ao sistema triunfante e dominante e, entretanto, afirmam que os "perdedores" tomaram um rumo falso que não lhes teria permitido chegar ao triunfo. Alguns propõem, para os perdedores, políticas alternativas que não têm sequer, a menor possibilidade de resolver os problemas da miséria, miséria extrema e repressão em que se debatem.

A verdade científica, rigorosa e exata, de acordo com a teoria dos sistemas e com a da exploração, é que a base de todo o sistema mundial encontra a lei causal da exploração, característica do sistema capitalista, não existe a menor probabilidade de resolver os problemas da imensa maioria da humanidade.

A notável racionalidade do triunfo do capitalismo tem provocado uma grande irracionalidade no uso dos recursos naturais, do excedente especulativo, das inversões, gastos e ações militares, da sociedade de consumo e da "boa vida" com o narcotráfico; tem acentuado as características biológicas da história humana e tem tornado viável a possibilidade do desapa-

---

*No começo dos anos noventa, o triunfo mundial do capitalismo, como um sistema aberto, é um feito indiscutível, no sentido mais rigoroso da expressão.*

---

recimento da espécie, no meio de categorias usadas pelos biólogos, sob o conceito de "deprecação", de "parasitismo" e de "colonialismo".

O uso rigoroso destas categorias parece se impor ao estudo da etapa atual da vida humana.

Em fenômenos tão indesejáveis e mortificantes se prova, com plenitude, que a reação causal da exploração segue determinando, entre variadas mediações, muitos fenômenos de um sistema aberto e complexo, mas, particularmente injusto que inclui ameaças de desaparecimento do ecossistema. Para alguns, este fato parece exagerado e até mesmo sem base. Para eles, nada tem a ver o capitalismo ideal com o capitalismo realmente existente. Não querem ver, na verdade, a causa. A verdade é que a imensa maioria da humanidade produz mais do que consome, porque uma minoria conserva muito mais do que produz. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, a quinta parte da humanidade recebe as quatro quintas partes do produto mundial. Entretanto, quatro quintas partes dos seres humanos só recebem uma quinta parte do produto<sup>(8)</sup>. Isso não é um milagre econômico ou tecnológico, nem uma "natural" fatalidade. O sistema, como afirma com toda razão Immanuel Wallerstein é "a aberração moral". É "um sistema" - escreve o grande historiador "no qual os benefícios de alguns têm sido equiparados à maior exploração da maioria, do que em todos os anteriores sistemas sociais"<sup>(9)</sup>.

Porém, nem essas e nem mais um grande acúmulo de evidências e reflexões alteram o firme pro-

pósito de negar o triunfo do capitalismo realmente existente.

Em todo caso, talvez para modificar a sua existência, vale a pena conhecê-la e, para isso, contribuem também aqueles que, distantes de uma teoria da exploração, a redefinem com base em evidências empíricas que nem escondem e nem se escondem. É o caso de Alan B. Durning, do Worldwatch Institute of Washington, que descreve o que ele chama de "a armadilha da pobreza". "Os pobres do mundo estão atados por forças de níveis local, nacional e global, e que se combinam para formar uma armadilha de três laços. No nível local, incluem modelos assimétricos de acesso à terra e a outros recursos. Debilidade física e alta susceptibilidade às doenças, crescimento populacional e desamparo diante das instituições vêm por acréscimo. Estas forças são potencializadas, no nível nacional, pelas inúmeras políticas desde a legislação fiscal até à estrutura de investimentos para o desenvolvimento, que negligencia e discrimina os pobres. Finalmente, no nível global, os pobres são contidos nos patamares onde estejam por uma combinação devastadora da carga da dívida, da taxa de altos benefícios aplicados nos preços de exportação, sempre para baixo, e de uma crescente descapitalização."

A descrição de Durning, entretanto, é incompleta em relação aos dados que ele mesmo apresenta sobre a exportação.

### Conclusões

A pobreza do mundo atual é consequência da relação de exploração que opera de uma forma bastante efetiva. O desenvolvimento tecnológico é capaz de resolver os problemas da pobreza, o que só não ocorre precisamente por causa da relação de exploração e pelo predomínio da razão lucrativa. A lei prossegue atuando em meio as suas transformações e reestruturações.

Em alguns subconjuntos do sistema, a lei atua na sua formulação

8- United Nations Development Program  
9- Wallerstein, Immanuel, 1980, p. 180.

original; em outros, com fatores que alteram parte do seu comportamento e dos seus efeitos, na taxa de exploração, assim como no volume e na distribuição do produto ou do seu excedente, ao término da relação.

A lei opera em todo o sistema e em todo tempo, ainda que com variantes, nos espaços desenvolvidos e nos deprimidos. E, em períodos de auge e de depressão, da mesma forma. O fenômeno global ou mundial se manifesta tanto no desemprego como na exclusão, marginalização ou pobreza. Todos eles são consequências das estruturas do desenvolvimento tecnológico e dos investimentos e gastos, precisamente em função da razão de lucro.

**Referências Bibliográficas**

- 1- Morishima, M. & G. Catephores, Value, Exploitation and Growth, New York, McGraw-Hill, 1990.
- 2- Popper, K.R., The Open Society and its Enemies, London, Routledge & Kegan Peul, 1947, Vol. II., p. 187.
- 3- Piaget, Jean, Les formes élémentaires de la dialectique, Paris, Gallimard, 1980.
- 4- Thurow, Lester C., The Zero-Sum Society, Distribution and the Possibilities of Economic Change, New York, Penguin, 1981.
- 5- González Casanova, Pablo. Sociologia de la Explotación, México, Siglo XXI, 1987, (1969).
- 6- Piaget, Jean y Rolando

Garcia, Psicogénesis e História de la Ciência México, Siglo XXI, 1989, (1982).

7 - Rosenthal, Sidney, The Rise of the Counter - Establishment From Conserva-Ideology to Political Power, New York, Times 1986.

8 - Wallerstein, Immanuel, "The Future o the World Economy", in Trence K. Hopkins and Immanuel Wallerstein, eds., Processes of the World System, London, Sage, 1980.

9 - United Nations Development Program, Human Development Report 1992, New York, Oxford University Press, 1992.

10 - Durning, Alan B., Poverty and the Environment. Reversing the Downward Spiral. Worldwatch Paper 92, Washington, Worldwatch Institute, 1989.